

**O UNIVERSO CULTURAL E CIENTÍFICO
VALENCIANO DURANTE OS SÉCULOS XIII E XIV E
A CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA DE
ARNALDO DE VILANOVA***

*VALENCIA'S CULTURAL AND SCIENTIFIC
UNIVERSE IN THE THIRTEENTH AND FOURTEENTH
CENTURIES AND THE CONTEXTUALIZATION OF
ARNALDO DE VILANOVA'S WORK*

Ana Maria Alfonso-Goldfarb **
Maria A. Pileggi Perassollo***

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. and PERASSOLLO, M. A. P.: 'Valencia's cultural and scientific universe in the thirteenth and fourteenth centuries and the contextualization of Arnaldo de Vilanova's work'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, II (3): 32-43, Nov. 1995-Feb. 1996.

The present article focuses attention on the singularity of Arnau de Vilanova's medical thought in comparison with that predominating among his thirteenth-century contemporaries on the European continent. Moreover, it propounds that such peculiarities were a result of Arabic influences upon this Christian thinker during his youth, in his native city of Valencia, and which continued to prevail even after his studies at the Montpellier School of Medicine. That is why the study first draws a sketch of Valencia's cultural and scientific universe, and then goes on to analyze well-known aspects of Arnau de Vilanova's medical ideas, where the enduring preponderance of the Valencian environment is evident, even in his later years.

KEYWORDS: history of medicine, mediaeval science, pharmacology, iatrochemical

* Trabalho apresentado no VI Colóquio de História da Ciência, realizado na Unicamp entre 26 e 29 de agosto de 1990.

** Doutora em história da ciência pela Universidade de São Paulo.

*** Doutoranda em história da ciência medieval na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Sobre a formação das taifas, ver Arié (1988, pp. 27-31); sobre a difusão da ciência árabe durante as taifas, ver Vernet (1986, pp. 67-8; 1978, pp. 38-48).

A fragmentação do califado de Córdoba durante o século XI, nos chamados reinos de taifas (do árabe *tā'ifa*, literalmente "partição" ou "divisão"), trouxe também a explicitação da divisão política entre os hispano-árabes e o conseqüente enfraquecimento de suas defesas diante do inimigo cristão. Por outro lado, o fim do centralismo califal proporcionou um benéfico espalhamento, em termos de ciência e cultura, por todo o território de Al-Andaluz, que, de outra forma, teria continuado a adensar-se em Córdoba.

Al-Mamun — um dos reis taifa que sonhara repetir a glória de seu homônimo oriental do século IX que introduzira a Casa do Saber em Bagdá — transformou Toledo em um verdadeiro centro de estudos que se perpetuaria até depois da conquista cristã. Da mesma forma, cidades como Sevilha, Zaragoza e Valência, para citar algumas das mais importantes, beneficiaram-se de processos semelhantes.¹

Valência, a cidade que particularmente nos interessa no presente estudo, representava, nesta época, o centro mais importante de uma região riquíssima em agricultura e comércio marítimo. Parte integrante do corredor mediterrâneo que ligava por mar a Marca Hispânica (atual Catalunha) ao norte da África, e dona de estaleiros que fabricavam sua própria frota, Valência constituiu-se num ponto de referência para o intercâmbio de arroz, seda, açúcar, faiança e do fino artesanato andaluz com o Oriente muçulmano e, mais tarde, com Gênova e o resto do *Mare nostrum* ocidental.²

Valência, à semelhança de Toledo e Granada, terá também em seus entornos a *huerta*, um verdadeiro vergel irrigado e rico, onde se praticam experimentos agrícolas de aclimação e aprimoramento dos cultivos estrangeiros com a observação dos tipos de solo e uso adequado de adubos e plantios, como bem caracterizado no *Tratado de agricultura*, do estudioso toledano do século XI Ibn Wafid.³ Também na região valenciana, mais especificamente em Jativa, seriam introduzidos, entre os séculos XI e XII, os moinhos para o fabrico do papel, trazendo para o Ocidente valiosa e necessária indústria para a reprodução e difusão do saber escrito numa escala muito maior do que a Europa havia até então conhecido.⁴

Após ter sido palco das disputas entre El Cid e os generais almorávidas, no fim do século XI, a região valenciana seria alvo novamente do assédio cristão no século XIII, quando Jaime I de Aragão e suas hostes conquistaram gradativamente, ao longo de 15 anos, suas terras, até chegar à capital, em 1238. A capitulação da cidade de Valência foi total e sem maiores resistências, ao que tudo indica, visando favorecer as negociações para obtenção e manutenção dos privilégios da população hispano-árabe. Mas, o que a princípio parecia uma forma suave de submissão, resultou, com o tempo, numa das resistências mais ferrenhas à aculturação de que se tem notícia na história.

A forma como mudéjares e mouriscos valencianos defenderam sua língua, conhecimentos e hábitos tem surpreendido muitos historiadores, sendo objeto de inúmeras pesquisas. Esta defesa formou uma espécie de resistente invólucro cultural que não permitia a penetração da contrapartida cristã, ao mesmo tempo que impregnava esta última com marcas indelévels, presentes até hoje no mundo valenciano.

Surpreende-nos esta tenacidade, já que outras regiões onde a 'reconquista' aportou mais ou menos na mesma época tomaram caminhos algo distintos. Violentas revoltas periódicas das populações mouriscas continuaram acontecendo até mais de três séculos depois da tomada da região valenciana por Jaime I. A última foi em 1609, às vésperas do decreto real de expulsão dos 'infieis', numa grita semelhante àquela dos muçulmanos mais do

² Ver Arié (1988, pp. 254-6). Sobre a mancha mediterrânea, os caminhos marítimos da costa espanhola, ver Braudel (1983, pp. 135-8).

³ Sobre as *vegas* ou *huertas* hispano-árabes e a agricultura em geral, ver Vernet (1986, pp. 82-3); Arié (1986, pp. 230-2); sobre a irrigação, ver Glick (1979, pp. 225-6, 237-8); Ibn Wafid (*apud* Togneri, 1985, pp. 149-50); sobre a riqueza da *huerta* valenciana, ver Bramon, 1986, pp. 80-1).

⁴ O papel foi introduzido pelos árabes no Ocidente aparentemente no século X, mas o feitiço autóctone deste tem sua primeira referência em Valência, ver Vernet (1978, pp. 226-7); Glick, (1979, p. 242).

sul da península, que, no entanto, haviam sido alvo da ‘reconquista’ muito tempo depois dos valencianos.

Representando um terço da população valenciana na época de sua expulsão, os mouriscos formavam um contingente humano que, alinhado com seus pares ao Sul e aos pequenos grupos que sobraram em cidades como Toledo, constituía quase uma nação dentro de outra, segundo F. Braudel, “um elemento inassimilável ... ligado de coração a um mundo imenso que se estendia ... até a Pérsia longínqua, com casas, costumes análogos e crenças idênticas”.⁵

⁵ Ver Braudel (1983, p. 158); sobre a resistência a aculturação e o problema mourisco em geral, (idem, pp. 145-60), Lapidus (1988, pp. 388-9); Bramon (1986, pp. 51-102); Garcia Arenal (1975, pp. 107-221).

Neste ambiente islamizado — que permaneceria assim ainda por muitos séculos —, fruto de uma família cristã, teria nascido Arnaldo de Vilanova, segundo a maioria de seus biógrafos, pouco tempo depois da entrada de Jaime I em Valência (em torno de 1240).

Para Juan Vernet (1979, p. 269), uma grande autoridade em estudos orientais espanhóis, duas línguas eram usadas pelos pensadores cristãos do século XIII espanhol: o latim, para problemas na esfera filosófica e teológica, e o árabe, que ainda predominava nos saberes sobre a natureza. Se era assim, Arnaldo começou corretamente sua carreira de homem das ciências, pois, ao que tudo indica, teria se iniciado como tradutor do árabe, língua na qual, aliás, parece ter escrito melhor do que em latim (Paniagua, 1951, pp. 11-3; 1964, p. 631). Autores como Avicena, Costa ben Luca, Al-Buzale, Al-Kindi e Al-Benzoar foram objeto de sua primeira leva de traduções. Pelo inventário de sua biblioteca, sabemos hoje que Arnaldo tinha em seu poder oito códices escritos em árabe. Sabemos também pela ata testamentária que apenas livros de ciências naturais ou medicina faziam parte de sua biblioteca nessa língua. Isto confirma a atitude de rejeição do “vilanovano” em relação à teologia muçulmana, típica do “ambiente cristão de seu século”.⁶

⁶ Ver Carreras Artau (1954, p. 311); sobre o domínio da língua árabe e a influência da ciência árabe sobre Arnaldo, idem, (pp. 309-11); e Vernet (1979, pp. 269-92), onde o autor reafirma a influência islâmica nas ciências do século XIII na Coroa de Aragão, tendo Arnaldo como um dos principais marcos.

Temos pois que o jovem Arnaldo iniciou seus estudos atendo-se aos originais árabes ou mesmo a traduções e apresentações dos clássicos feitas por estes. É importante frisar que fez isto não por devoção ou entusiasmo com esta cultura — coisa que, por motivos religiosos, não se permitia —, mas claramente por reconhecer o valor dos estudos em ciências da natureza desenvolvidos entre os islâmicos. Um de seus biógrafos chega mesmo a aventar a possibilidade de que, influenciado pela sabedoria de seus conterrâneos muçulmanos, grandes estudiosos da medicina e da farmacopéia, Arnaldo teria sido despertado para a vocação de médico (Carreras Artau, 1954, p. 310).

Não temos provas contundentes para tal afirmação sobre as aspirações e expectativas dessa figura que viveu numa época de transição, fronteira entre duas culturas oponentes, tendo sua própria vida envolta num elo nebuloso de imprecisões históricas.

Todavia, pelo muito tempo que Arnaldo viveu na Valência recém-conquistada pelos cristãos, por seu envolvimento familiar (sua única filha nasceu ali) e pelo patrimônio em terras valencianas do qual foi possuidor, é óbvio que seu contato com a cultura islâmica e renitente dessa região fez-se presente em sua forma de enxergar o mundo e a natureza (idem, p. 309). Mais que isso, parece-nos que a influência dessa cultura em seus estudos iniciais não se apagou ao longo de sua carreira como professor em universidades européias e como médico de grandes potestades cristãs.

Arnaldo de Vilanova estudou medicina em Montpellier, mas a influência direta de fontes frescas do saber árabe, nas quais bebera em sua terra natal, deram a tônica de suas idéias novas e até certo ponto reformuladoras em termos das ciências médicas. E esta é a hipótese que tentaremos provar. Vejamos, em primeiro lugar, o tipo de prática médica que existia no Ocidente europeu durante a Idade Média.

Na Idade Média, a medicina não era considerada exatamente uma profissão, mas parte integrante dos conhecimentos dos homens cultos, que naqueles tempos eram, em sua grande maioria, clérigos. E foi assim que os herbários de onde eram extraídos os remédios (até aquela época) e algumas instalações especiais para cuidado dos doentes passaram a fazer parte dos mosteiros medievais. Tratava-se de uma medicina basicamente prática e os poucos documentos que sobreviveram ao período são receituários e guias com descrição de sintomas feitos por monges. Pouca atenção era dada aos escritos médicos dos clássicos. Isto acontecia provavelmente mais por força de a medicina ser tida como uma técnica e não como uma ciência, do que pela carência desses textos no período.⁷ Prova disso é o interesse que os textos sobre os remédios herbais despertaram. Algumas experiências nesse sentido foram feitas, visando à substituição de plantas não encontradas nos climas frios ou simplesmente para compensar os nomes de algumas espécies, irreconhecíveis nas transcrições dos copistas (Talbot, 1978, pp. 393-5). A *Matéria médica* de Dioscórides não só nunca deixou de ser utilizada durante toda a Idade Média, como também sofreu várias traduções. A seu lado existiam livretos seguindo esta tradição de uma medicina prática, envolvendo o estudo dos “fármacos”, tais como o *Ex herbis femininis* ou o *Herbarius* de Pseudo-Apuleio (Riddle, 1974, pp. 162-3).

Da sobreposição da medicina popular européia à atividade médica monástica foi-se formando, ao longo dos primeiros séculos da Idade Média, a figura do médico prático. O mesmo que, entre os séculos XII e XIII, entraria em confronto com aquele estudioso da medicina formado pelas universidades, produto da grande massa de traduções clássicas que adentraram a Europa Ocidental

⁷ O debate sobre o *status* da medicina é algo que já acontecia entre os gregos. Assim é que Aristóteles, na *Política*, plasma a discussão sobre a medicina como técnica *versus* a medicina como ciência.

nessa época, encharcando-a de teoria até os ossos. Enquanto os primeiros, que passam então a ser denominados simplesmente de ‘empíricos’, continuavam a ser os médicos da maioria da população, os segundos, de formação universitária, tentavam assimilar enormes compêndios teóricos e condenavam os empíricos por sua ignorância. Para alguns mais recentes historiadores da medicina, a enorme quantidade de material teórico, passado num curto espaço de tempo para o Ocidente (ao contrário do que se pensava até poucas décadas atrás), em vez de produzir um avanço em termos médicos, teria dificultado, desde o princípio, a medicina européia. Pílula amarga, de difícil digestão, os textos médicos árabes e greco-romanos eram aparentemente incompatíveis com os conhecimentos práticos da medicina e da farmácia.

Não entraremos aqui em maiores detalhes sobre o processo de tradução e assimilação dos clássicos pelo Ocidente medieval, que está ricamente relatado na obra de vários especialistas no assunto. O que nos interessa no momento é frisar este descompasso entre a prática e a teoria médica, que, durante os séculos XII e XIII, se constituíram em peças de um longo e mal resolvido debate.⁸

⁸ Sobre a história da medicina ‘prática’ nos primeiros séculos do medievo ocidental, e sobre o confronto da chamada medicina empírica com aquela constituída pela nova ordem criada a partir das traduções do século XII, ver Riddle (1974, pp. 157-84); e também Talbot (1967, pp. 125-33).

Dentro deste panorama, tentaremos localizar a Escola de Medicina de Montpellier, lugar onde aparentemente a figura central de nossa pesquisa, o “mestre valenciano”, teria se graduado nas “artes médicas”. A Universidade de Montpellier tem em suas origens uma história bastante peculiar. A cidade cristã do mesmo nome, localizada no *midi*, dera acolhida a grandes contingentes de população de origem árabe e judaica. No entanto, a regulamentação de sua universidade estaria mais diretamente ligada a um outro importante contingente — o dos hereges albigenses, já que a universidade só conseguiria obter seu reconhecimento em 1220, por decreto papal, exatamente por haver se transformado em praça-forte contra os albigenses (Bullough, 1966, pp. 53-5).

A fase que se inicia na segunda metade do século XIII apresenta, sob orientação dominicana, significativas alterações no currículo universitário daquela instituição. Fruto do contato com as novas traduções — de Aristóteles, Hipócrates, Galeno e Avicena, entre outros —, opera-se no interior da comunidade acadêmica uma visível mudança em consequência da afirmação de um novo método de conhecimento, ou mais explicitamente, como podemos notar numa obra cirúrgica já do século XIV, uma grande convicção de que este novo método representa uma inegável transformação em relação às práticas anteriores. Nesta obra, Guy de Chauliac afirma que “as ciências se fazem por acréscimos. Logo, é através de construções e de resumos [que se chega] à unidade e perfeição” (*apud* Garcia-Ballester, 1982, p. 102).

Estes seriam fortes indícios de que também a Universidade de Montpellier participou do impacto causado pela imensa

acumulação de conhecimentos profanos ocorrida até aquele momento, que levou as universidades européias ainda em formação a adotarem procedimentos e exercícios que permitissem organizar a ciência sagrada, ou seja, a teologia. Entre estes procedimentos incluíam-se, *grosso modo*, as lições, ou *lectiones*, e as disputas, ou *disputationes*, que deram origem, por sua vez, às inúmeras sumas e comentários adotados pela maioria intelectual. Daí a concepção de que “saber” significava, sobretudo, interpretar, comentar, enfim, buscar nas autoridades os fundamentos para o “novo” e mais aperfeiçoado estudo.⁹ Como demonstraremos a seguir, a máxima defendida por Chauliac no século XIV vinha sendo perseguida por seus antecessores, entre os quais estava Arnaldo de Vilanova.

O médico valenciano realizou um número significativo de estudos que em grande parte tiveram como alvo o ensino acadêmico, ainda que sem excluir sua preocupação com a clínica. Podemos dividir seus estudos em comentários sobre autores clássicos e obras de sua própria autoria (Paniagua, 1951, pp. 22-7). Estas últimas, embora bastante originais, apresentam profunda influência das obras médicas de gregos e árabes. Por exemplo, é desta época o *Introductionum medicinalium speculum*, obra na qual Arnaldo busca estabelecer os princípios gerais da arte médica fundados na teoria galênica (idem, p. 23). Já no contemporâneo *De considerationibus intentionibus medicorum* nota-se a influência direta do *Concordia philosophorum et medicorum*, de Razes. Neste trabalho, bem à moda do autor árabe, demarca-se a necessidade de uma interação entre teoria e prática na medicina (idem). Da mesma forma, seu *Aphorismi de gradibus* será um estudo sobre o *Quia primos*, de Al-Kindi, conhecido autor árabe do século VIII.¹⁰

Embora a obra de Al-Kindi já tivesse sido traduzida com perfeição por Gerard de Cremona no século XII, até aquele momento ela fora pouco difundida, provavelmente devido à densidade do texto (McVaugh, 1967, p. 58). O grande mérito de Arnaldo deve-se ao fato de que, valendo-se de seus profundos conhecimentos da língua e da ciência árabe, pôde elaborar em seus *Aphorismi de gradibus* preciosos esclarecimentos sobre o tema abordado pelo mestre árabe (idem, p. 59). Destaca-se neste período, entre outros escritos aforísticos, *Parabola medicationis*, com a qual atingiu seu principal alvo, a Academia. Mais do que isso, esta obra tornou-se um de seus escritos mais difundidos (Paniagua, 1951, p. 25).

Embora todos os estudos denotem grande aproximação por parte do médico valenciano com a orientação dominicana teórico-escolástica, percebemos que, ao longo destas obras, ele empreendeu grande esforço para alertar contra o perigo que poderia representar o abandono das práticas empíricas. Assim é

⁹ Sobre a implantação do método escolástico nas diversas universidades, ver Le Goff 1984, pp. 111-4; Parain (1985, pp. 168-71).

¹⁰ A respeito da obra de Al-Kindi, ver Multhauf (1967, p. 121); e McVaugh (1967, pp. 56-64).

que Arnaldo procura recolher dos antigos aquilo que considera útil e verdadeiro. Chega a afirmar, em *De considerationibus*, que “aquele que toma de seus predecessores e complacientemente tenta pôr isto em prática ... assemelha-se ao gado que, conduzido por uma corda, caminha às cegas” (*apud* Pagel, 1958, p. 250). E em *Contra calculum* reafirma estas idéias dizendo que “as experiências dos antigos devem ser adaptadas e convertidas de acordo com as exigências do estado atual do intelecto humano e da experiência pessoal” (*idem*, p. 252). Confessa ele mais uma vez sua independência frente às autoridades quando se refere ao *Cânon* de Avicena. Suas críticas dirigem-se então àqueles que fazem um uso sem medidas desta grande suma, de tal maneira que acabam por dogmatizá-la (Paniagua, 1964, p. 632).

Podemos afirmar, portanto, que seu trabalho está bastante relacionado à busca de novas práticas, que, de uma forma ou de outra, poderiam atualizar e reformular antigas teorias. Defende, por exemplo, em *Contra calculum* que “já que o mundo envelheceu e a natureza humana está cada vez mais fraca, a experiência dos antigos deve ser adaptada e convertida de acordo com as exigências do presente estado do intelecto humano e da experiência pessoal” (*apud* Pagel, 1958, p. 252). Trata-se de uma preocupação já presente, aliás, nos trabalhos dos médicos árabes, tais como Razes e Albucasis.

Com o mesmo rigor, Vilanova critica a dogmatização dos clássicos e a adesão ao puro empirismo médico. Acredita, por exemplo, que o uso exclusivo da experiência é insuficiente para o alcance da verdade. Em *Aphorismi de gradibus* afirma que “apenas a experiência será insuficiente para o conhecimento da composição (*complexion*) de um objeto. Será necessária a confirmação pela razão” (*idem*, p. 251). No prólogo desta mesma obra refere-se expressamente aos empíricos, dizendo ao leitor:

“pensas que, na aplicação de remédios para a saúde, os médicos não possuem conhecimento técnico e, em conseqüência, pensas que os médicos atuam guiados mais pelo acaso do que pela técnica. Estou convencido de que tua mente está ainda obscurecida por esta doutrina, sei que [segundo esta doutrina] não poderias aprender nenhuma técnica nem regra racional mediante a qual encontrasses a forma de aplicar corretamente os remédios para a saúde do corpo humano. Não poderias, porque [segundo esta doutrina] não existe esta técnica, já que, ao seguirem um método empírico [os médicos], só se esforçam na compilação de detalhes concretos e sobre eles têm apenas uma idéia vaga e obscura” (*apud* Garcia-Ballester, p. 110, 1982).

Acreditamos que Arnaldo se distancia de seus pares acadêmicos não só por valorizar a prática dos empíricos, como também, e

principalmente, por acreditar na necessária ligação entre formas de conhecimento teórico e prático, à primeira vista distantes mas, para ele, complementares. Vejamos como Arnaldo pensa esta complementaridade.

Em *Speculum introductionum med.*, Vilanova afirma que “a experiência, distinta da razão, revela aquelas [virtudes] comuns a diversos, tanto quantos àquelas limitadas a objetos individuais (*virtutes communes et propriae*). A razão, contudo, está restrita ao conhecimento das virtudes que são comuns a mais de um objeto” (*apud* Pagel, 1958, p. 251). Quando Arnaldo de Vilanova nos fala que a experiência, conhecimento sensível, revela as virtudes comuns e próprias aos objetos individuais, e a razão revela apenas as virtudes comuns a mais de um objeto, demonstra estar a par da complexa discussão que teve lugar nesta época sobre a definição dos “universais” (Parain, 1985, pp. 168-71). Critica, contudo, os médicos italianos e parisienses por gastarem suas energias na busca do conhecimento dos universais, pouco se preocupando com os detalhes e com a experiência (*apud* Pagel, 1958, p. 251).

Reafirma esta posição ou quando trata, por exemplo, da elaboração dos remédios. Vilanova acredita que só a experiência, iluminada neste caso pela graça divina, poderá revelar ao médico as virtudes dos ‘simples’ — ou seja, dos ‘individuais’ — e só a partir daí poderá este forjar os compostos certos. As virtudes dos simples são vistas por ele como coisas ocultas que só podem ser desvendadas pelos sentidos (*idem*, pp. 251-2); ou, no próprio dizer do valenciano, “todo verdadeiro conhecimento origina-se dos sentidos” (*ibid.*, p. 251).

Ainda sobre a elaboração dos medicamentos, já demos prova de que existe na obra de Arnaldo a preocupação tanto de definir os compostos quanto de precisar sua aplicação. Afirma que “o objetivo do médico é algo certo e definitivo ... e necessariamente há de dirigir-se por um caminho certo e definitivo, que não é senão o estudo das técnicas e das regras” (*apud* Garcia-Ballester, 1982, p. 110). Podemos dizer que isto está relacionado a uma atenção maior com as proporções, quantidade e composição dos remédios, aplicados aos diferentes estados mórbidos, que, por sua vez, apresentavam variações discretas conforme o doente.

Historicamente, este estudo vincula-se a toda uma corrente médica e farmacêutica islâmica. Destaca-se nesta corrente a obra de Al-Kindi, já citada, a *Quia primos*. Trata-se de um trabalho teórico no qual Al-Kindi procura expor a relação entre o crescimento geométrico do número de partes de uma qualidade e o crescimento aritmético no efeito das sensações (McVaugh, 1967, p. 57). Vilanova, ao comentar esta quantificação, diz: “Al-Kindi ensina que a diferença dos graus está contida nos termos

de contínua duplicação, que vão da unidade até dezesseis, nos quais quatro são os termos da contínua duplicação. ... Entende-se [portanto] que o primeiro grau contenha duas porções de qualidades aumentadas; o segundo, quatro; o terceiro, oito; o quartó, dezesseis..." (idem, p. 59). Viga mestra do *Aphorismi de gradibus* de Arnaldo, obra na qual este problema é melhor apresentado, veremos que a questão de tais proporções, ou relações entre os fármacos, se constitui numa preocupação antiga quanto às quantidades que entram na composição dos remédios. Este cuidado com a quantificação e a proporcionalidade dos elementos num composto já estava presente, por exemplo, no *Corpus Jabiriano*, elaborado provavelmente no século IX, principalmente no *Livro das balanças*.¹¹

¹¹ Sobre o *Livro das balanças*, ver Multhauf (1967, p. 134); Leicester (1971, p. 66); Alfonso-Goldfarb (1987, pp. 95-6).

Também no *Corpus Jabiriano* deparamo-nos com uma das primeiras formulações sobre o elixir, remédio de homens e metais. Tais idéias, originalmente de cunho alquímico, iriam a partir daí influenciar outros ramos de conhecimentos da natureza, aí incluída a medicina. Essas formulações aparecem nos trabalhos de Razes, que durante o século X elaborou vasta obra sobre o que hoje chamaríamos de química médica ou iatroquímica.¹² Razes viria a ser o formulador de uma teoria na qual idéias anteriores se fariam mais claramente presentes. O elixir, que para este autor não é o único mas um dos medicamentos especialmente preparados para cada caso de 'cura', será fruto de árduo trabalho químico com minerais e materiais orgânicos, no qual um apurado cálculo de proporções também estaria presente.

¹² Sobre a obra de Razes, ver Multhauf (1967, pp. 120-31); Leicester (1971, pp. 68-9); Alfonso-Goldfarb (1987, pp. 96-9).

Provavelmente produto deste desenvolvimento, a obra de Arnaldo nos diz que, para cada tipo e grau, deve ser aplicado o respectivo medicamento, respeitando, como vimos anteriormente, os devidos graus de proporção. Tomando como base esta teoria, Vilanova irá elaborar um desdobramento, já aí, a partir de idéias originais suas. Acreditava que, uma vez que cada remédio teria sua especificidade, esta seria a causa da própria doença. Assim, os venenos causadores de enfermidades conteriam em si os antídotos para curá-las (*apud* Pagel, 1958, p. 254).

A teoria de que "iguais curam iguais" é uma velha máxima da medicina popular ou folclórica européia. Arnaldo de Vilanova não hesita em adotá-la, mesmo que esta vá contra as máximas da medicina humoral (segundo a qual é dos contrários que se obtém a cura), que também, de outra maneira, permeia sua teoria. O médico valenciano faz um recorte preciso na iatroquímica árabe, que se manteve fiel à doutrina dos contrários, e retira os elementos que pudessem servir como base a uma doutrina que, até então, por pertencer à medicina popular, não tivera respaldo teórico.

Voltamos com isso ao ponto de partida. A medicina arnaldiana, sem deixar de ser uma medicina na qual se notam claramente

marcas dos autores clássicos, preserva, no entanto, o saber fresco de novidades, produtos de uma reflexão do autor sobre todas as fontes que lhe eram disponíveis. Daí seu ar de singularidade.

Garcia-Ballester (1982, p. 110) nos diz que Arnaldo é um escolástico. Contudo, a independência do valenciano em relação às autoridades clássicas denota a impossibilidade de que este possa ser encaixado plenamente em tal corrente. Por outro lado, Talbot (1978, p. 408) refere-se a Arnaldo de Vilanova e a outros mestres de Montpellier como colaboradores de um tipo de medicina que poderia ser chamada de empírica. Parece termos dado prova de que, no caso particular de Arnaldo, também esta classificação não é muito apropriada. A solução para o problema apenas mencionado talvez tenha sido indiretamente apontado por Riddle (1974, pp. 177-8), conhecido historiador da medicina. Segundo ele

“Os tradutores latinos eram mais preconceituosos em relação à prática do que os autores islâmicos ... conseqüentemente, estes, na seleção do material, escolheram os trabalhos mais teóricos e filosóficos e omitiram aqueles [de cunho] mais clínico. ... Que impacto cultural teria Razes produzido se ele tivesse sido introduzido no Ocidente antes de Avicena? Da forma como isto de fato aconteceu, quando Razes foi traduzido, acabou sendo colocado num marco conceitual moldado por Avicena e similares. ... Embora os autores islâmicos defendessem uma medicina clínica, os tradutores e autores ocidentais estavam interessados em sua teoria, a qual, quando entendida, seria demasiado elaborada para o médico comum...”

Gostaríamos, portanto, de encerrar este artigo com a seguinte conjectura: Arnaldo de Vilanova, ao ter contato direto com estas fontes originais árabes, sobre as quais, como já dissemos, tinha perfeito domínio, teria se constituído numa figura singular no Ocidente medieval. Afinal, soube como dosar nas devidas proporções a teoria e a prática médicas, o que, por todo um problema de ‘escolha’ e de ‘seleção’, fora praticamente negado a seus pares europeus.

ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; PERASSOLLO, M. A. P.: ‘O universo cultural e científico valenciano durante os séculos XIII e XIV e a contextualização da obra de Arnaldo de Vilanova’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, II (3): 32-43, nov. 1995-fev. 1996.

O presente artigo enfoca a singularidade do pensamento médico de Arnaldo de Vilanova em comparação com o que prevalecia entre seus contemporâneos no continente europeu no século XIII. Outrossim, aventa ser sua peculiaridade fruto da influência árabe que este pensador cristão recebeu na juventude em sua Valência natal, e que continuou a prevalecer até depois de seus estudos na Escola de Medicina de Montpellier. Daí a preocupação deste estudo em, primeiro,

delinear o universo cultural e científico de Valência e, em seguida, esmiuçar aspectos bem conhecidos da medicina vilanovana que patenteiam a duradoura preponderância do ambiente valenciano mesmo na maturidade de Arnaldo de Vilanova.

PALAVRAS-CHAVE: história da medicina, ciência medieval, farmacologia, iatroquímica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alfonso-Goldfarb, A. M. 1987 *Da alquímia à química*. São Paulo, Nova Stella/Edusp.
- Arié, R. 1988 *España musulmana*. Barcelona, Labor, vol. III. Col. Historia de España.
- Bramon, D. 1986 *Contra Moros y Judios*. Barcelona, Nexos.
- Braudel, F. 1983 *O mediterrâneo*. Lisboa, Dom Quixote, vol. I.
- Bullough, V. 1966 *The Development of Medicine as a Profession. The Contribution of the Medieval University to Modern Medicine*. Nova York, Hafner.
- Carreras Artau, J. 1954 'Arnau de Vilanova y las Culturas Orientales', em *Homenaje a Millas Villacrosa*. Barcelona, C.S.I.C., vol. 1.
- García Arenal, M. 1975 *Los Moriscos*. Madri, Nacional.
- García-Ballester, L. 1982 'Arnau de Vilanova (c.1240-1311) y la reforma de los estudios médicos en Montpellier (1309): El Hipócrates latino y la introducción del nuevo Galeno'. *Dynamis*, Granada, vol. 2.
- Glick, T. S. 1979 *Islamic and Christian Spain in the early Middle Ages*. Princeton University Press.
- Lapidus, J. M. 1988 *A History of Islamic Societies*. Cambridge University Press.
- Le Goff, J. 1984 *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa, Estampa, vol. 2.
- Leicester, H. M. 1971 *The Historical Background of Chemistry*. Nova York, Dover.
- McVaugh, M. 1967 'Arnald of Villanova and Bradwardine's Law'. *Isis*, vol. 58.
- Multhauf, R. P. 1967 *The Origins of Chemistry*. Nova York, Watts.
- Pagel, W. 1958 *Paracelsus, An Introduction to Philosophical Medicine in the Era of the Renaissance*. Nova York, Basel.
- Paniagua, J. A. 1964 'L'Arabisme à Montpellier dans l'oeuvre d'Arnau de Vilanova'. *Le Scalpel*, nº 30.
- Paniagua, J. A. 1951 'Vida de Arnaldo de Vilanova'. *Archivo Iberoamericano de Historia de la Medicina y Antropología Médica*, vol. III.
- Parain, B. (org.) 1985 *La Filosofia Medieval en Occidente*. Madri, vol. 4. Col. Historia de la Filosofia.
- Riddle, J. M. 1974 'Theory and Practice in Medieval Medicine'. *Viato*, vol. 5.

- Talbot, C. H.
1978 'Medicine'. *Science in the Middle Ages*. ed. D. C. Lindberg,
University of Chicago Press.
- Talbot, C. H.
1967 *Medicine in Medieval England*.
Londres, Oldbourne.
- Togneri, R. P.
1985 *Del Islam al Cristianismo*.
Barcelona, Península.
- Vernet, J.
1986 *La ciencia en al-andalus*.
Barcelona, Biblioteca de la Cultura Andaluza.
- Vernet, J.
1979 'El mundo cultural de la Corona de Aragón con Jaime I'. *Estudios sobre
Historia de la Ciencia Medieval*. Barcelona, Fidel.
- Vernet, J.
1978 *La cultura hispanoárabe en Oriente y Occidente*.
Barcelona, Ariel.

Recebido para publicação em fevereiro de 1995.